

POLIAMOR E MONOGAMIA: CONSTRUINDO DIFERENÇAS E HIERARQUIAS

POLIAMORY AND MONOGAMY: CONSTRUCTING DIFFERENCES AND HIERARCHIES

Resumo

Poliamor é um nome dado à possibilidade de se estabelecer mais de uma relação amorosa ao mesmo tempo com a concordância de todos os envolvidos. O objetivo deste trabalho é analisar o ideal de conjugalidade dos pesquisados, buscando entender o papel que a monogamia ocupa na construção do lugar poliamorista. Haveria hierarquias entre ambas as formas de relacionamento? Tratar-se-ia de uma oposição completa ou haveria possibilidade de conciliação entre elas? Para os pesquisados a monogamia é o “outro absoluto” do Poliamor, uma categoria indispensável para afirmação daquilo que são e acreditam. Entretanto, três elementos favorecem a desestabilização desta dicotomia: a existência de outros modelos de relacionamento ‘não monogâmicos’; a prática conjugal dos pesquisados e um discurso centrado na “igualdade”. Esta pesquisa foi realizada a partir da análise de quadro redes sociais poliamoristas, de entrevistas em profundidade com adeptos e da observação participante em ‘polienccontros’.

Palavras-chave: Conjugalidade. Identidade. Gênero. Sexualidade. Poliamor.

Abstract

Poliamory is a name given to the possibility of establishing more than one loving relationship at the same time with the knowledge of all involved. The main purpose of this paper is to analyze the subjects’ ideal of conjugality while seeking to understand the role played by monogamy in the construction of the Polyamorist space. Might there be hierarchical distinctions between the two relationship forms? Do these two forms exist in complete opposition, or is conciliation possible? Among the research subjects interviewed monogamy is considered the “absolute other” of Poliamor, a categorical essential for affirming who they are and what they believe. However, three elements favor the destabilization of this dichotomy: the existence of other ‘non monogamous’ models; the conjugal experiences of the subjects themselves, and the “equality” centered discourse. The research was conducted thru analysis of four Polyamory websites, in-depth interviews with supporters, and through observational participation in ‘poly-encounters’.

Keywords: Conjugality. Identity. Gender. Sexuality. Polyamory.

Antonio Cerdeira Pilão

Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. UFRJ. Núcleo de Estudos de Sexualidade e Gênero—NESEG. email: tonipilao@hotmail.com

Mirian Goldenberg

Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. email: miriangoldenberg@uol.com.br

Introdução

Este artigo apresenta resultados preliminares da pesquisa de dissertação intitulada “Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero” do Programa de Pós- Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ (PPGSA).

Foram analisadas quatro redes sociais de poliamoristas na internet: o site <http://Poliamorbrasil.org/>, o blog <http://Poliamores.blogspot.com/>, a comunidade “Poliamor Brasil”, na rede de relacionamentos Orkut e a Pratique Poliamor Brasil no Facebook, assim como cinco entrevistas em profundidade com adeptos e observação participante em três ‘poliencontros’.

O objetivo do presente trabalho é analisar o ideal de conjugalidade dos pesquisados, buscando, sobretudo, entender o papel que a monogamia ocupa na construção do lugar poliamorista. Haveria hierarquias entre ambas as formas de relacionamento? Tratar-se-ia de uma oposição completa ou haveria possibilidade de conciliação entre as mesmas?

De acordo com Cardoso (2010), a palavra ‘poliamor’ (polyamory) surgiu em dois momentos durante a década de 1990. O primeiro teria ocorrido em agosto de 1990, em um evento público em Berkeley (Califônia) - composto por “neopagãos” pertencentes à “Igreja de todos os mundos” - e que se destinava a criar um “Glossário de Terminologia Relacional”. Esta é considerada pelo autor como a primeira vertente poliamorista, com bases espiritualistas e pagãs. Um dos livros mais conhecidos sobre o Poliamor: “*Polyamory: The New Love Without Limits*”, escrito por Deborah Anapol e publicado em 1997, faria parte desta primeira tendência.

Cardoso argumenta que não houve grande circulação do termo neste momento favorecendo um segundo surgimento, desta vez com um viés menos “transcendentalista” e mais “cosmopolita”, pretendendo ajudar a solucionar problemas práticos

dos relacionamentos amorosos¹. Em 20 de Maio de 1992, Jennifer Wesp, em um grupo de discussões pela internet, empregou o termo como sinônimo de “não monogamia”, construindo, em seguida, o primeiro grupo de e-mails destinado a discutir “Poliamor”, o alt.polyamory. A substituição do termo “não monogamia” por “Poliamor” ocorre, segundo Cardoso (2010), Rust (1996) e Klesse (2006), por considerar-se que o primeiro traz conotações negativas já que afirma apenas aquilo que não é.

O primeiro registro da palavra ‘poliamorista’² é bem anterior a de ‘poliamor’, datando de 1953. Já o termo ‘poliamoroso’ (polyamorous), ainda segundo Cardoso, teria surgido associado ao fim da instituição familiar, na obra de ficção *Hind’s Kidnap*, de Joseph McElroy de 1969. Outra utilização do termo teria acontecido em 1975, nos resumos do *7th American Anthropological Association Annual Meeting*, em que Carol Motts se referiria a um futuro da humanidade no século XXIII dominado pelo *homo pacifis*, um ser “individualístico, livre-pensador, poliamoroso, vegetariano”.

O termo Poliamor é uma combinação do grego [poli (vários ou muitos)] e do latim (amor). No site Poliamor Brasil, ele é descrito como uma recusa da monogamia como princípio e necessidade, o que possibilita a vivência de “muitos amores” simultâneos de forma profunda e duradoura. Na comunidade do Orkut, Elina³ o define como: “a plena consciência de

1 A divisão do Poliamor em duas vertentes é compartilhada por Haritaworn et al. (2006) que as denominaram “esotérica” e “autoajuda”.

2 A expressão “determined polyamorist” foi encontrada na *Illustrated History of English Literature, Volume 1*. Cardoso (2010) dispõe um link onde o termo pode ser encontrado: <http://books.google.com/books?ei=WzwcTcCYNofCsAP1z-3rCg&ct=result&id=T_5ZAAAAMAAJ&dq=%22polyamorist%22&q=polyamorist#search_anchor>

3 Utilizarei apenas para as informações que são opções dadas pelas redes sociais a fim de diferenciar das descrições que são escritas pelos próprios usuários. Elina declara morar e trabalhar na Holanda. Não divulga a idade e diz não ter filhos. Define-se como “caucasiana”, com posição política “muito liberal de esquerda” e religiosa “agnóstica”. Sua orientação sexual é definida como “curioso”. Declara ter mestrado em Business e viver um ‘relacionamento aberto’.

que podemos amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo” e acrescenta uma indagação: “Pode-se amar de maneira igual o pai e a mãe, os filhos sem se fazer diferença, mas não pode amar mais de um parceiro?”. A definição do blog Poliamores é: “um relacionamento que afirma ser possível não somente se relacionar, mas também amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo de maneira fixa, responsável e consensual entre todos os membros”⁴.

No blog Poliamores, são apresentadas algumas possibilidades de relações poliamoristas. O ‘casamento em grupo’ ou ‘relação em grupo’, quando todos os membros têm relações amorosas entre si. A ‘rede de relacionamentos interconectados’, quando cada um tem relacionamentos poliamoristas distintos dos parceiros - ou seja - os namorados de uma pessoa não o são entre si. Há, ainda, as ‘relações mono/poli’, quando um dos parceiros é poliamorista e o outro é monogâmico. O poliamorista mantém relacionamentos paralelos enquanto o monogâmico, por opção, tem só um parceiro.

Os três modelos acima citados se dividem em “aberto” e “fechado”. No primeiro caso, está colocada a possibilidade de novos amores e, no segundo, é praticada a ‘polifidelidade’, restringindo as experiências amorosas.

O Poliamor no mundo das ‘não monogâmias’

O surgimento do termo Poliamor como alternativa ao de ‘não monogamia’ é elucidativo para compreender a relação estabelecida entre Poliamor e monogamia. Assim como em outras dicotomias, o Poliamor depende de seu oposto para fazer sentido, uma vez que se constitui como uma série de discursos

4 Não há uma definição consensual sobre o que seja amor. Alguns defendem que ele é indefinível. Outros afirmam que se trata apenas de uma forma de designar “afetividade profunda”. Apesar do “amor eterno” ser criticado entre os pesquisados, é perceptível igual desvalorização de relações eventuais (aventuras) por considerá-las meramente sexuais e utilitárias. A busca romântica por formar uma unidade com o parceiro é vista como uma alienação monogâmica, sendo afirmado, em contrapartida, que ninguém deve abdicar de sua individualidade em um vínculo amoroso.

de crítica à exclusividade afetivo-sexual. A afirmação do Poliamor como sinônimo de ‘não monogamia’, no entanto, se mostra pouco sustentável na medida em que existem outros modelos de relacionamento não monogâmicos.

A poligamia, associada tradicionalmente às sociedades ameríndias e mulçumanas⁵, é a mais conhecida. Os pesquisados afirmam que não são polígamos, mas poliamoristas, uma vez que a poligamia pressupõe assimetria de gênero, ou seja, há um único polígamo em cada relação. Já no Poliamor, é indispensável que a possibilidade de mais de um relacionamento amoroso simultâneo seja tanto de homens quanto de mulheres.

O swing e o ‘relacionamento aberto’ (RA) seriam outras formas de ‘não monogamia’ uma vez que preveem relações sexuais com mais de uma pessoa. No entanto, como mostra, Von der Weid (2008), do ponto de vista amoroso, os ‘swingers’ afirmam-se monogâmicos. O mesmo é observável entre praticantes de ‘relacionamento aberto’, em que, em geral, há um único amor possível.

Se a relação Poliamor/monogamia é de antagonismo, a Poliamor/ swing e RA é de ambiguidade. A existência de outras práticas ‘não monogâmicas’ proporciona aos poliamoristas a necessidade de outras formas de diferenciação que complexificam a dualidade Poliamor/monogamia. No entanto, a existência de uma pluralidade de práticas ditas ‘não monogâmicas’, não cessa a dicotomia Poliamor/monogamia, uma vez que os pesquisados situam tanto o swing quanto o RA como um “entre lugar”, uma espécie de híbrido, que reúne características contraditórias de ambos.

5 Há, no entanto, inúmeros estudos que apontam para a existência de práticas polígamas no cristianismo e principalmente no judaísmo do Mediterrâneo. Ver Altman & Ginat (1996). Sartre e Simone de Beauvoir talvez sejam o casal mais conhecido a (já na década de 1930) ter recusado a monogamia afirmando que ela é: “uma monstruosidade que engendra necessariamente hipocrisia, mentira, hostilidade e infelicidade” (Goldenberg 2010: 11). Ambos se afirmavam como polígamos.

A monogamia como o “outro absoluto” do Poliamor

Quando se enfatiza a percepção hierárquica das identidades, aparecem as práticas da “monogamia”, “swing”, “relacionamento aberto” e “Poliamor” dispostas em uma escala evolutiva - estando a “monogamia”, para os pesquisados, no estágio menos desenvolvido - por envolver em maior grau: ciúme, competição, controle, posse e mentira. Já o Poliamor, representaria o ápice evolutivo da escala estando articulado à liberdade, igualdade, cooperação, ‘compersão’⁶ e honestidade. Nesta lógica, funda-se um binarismo identitário - onde a monogamia é o “outro absoluto” do Poliamor e o ‘relacionamento aberto’ e o ‘swing’ o “entre lugar”.

Como sugere Bento (2006), parte do processo de identificação é a contraposição a outros grupos ou práticas e a constituição de margens que delimitam essa separação:

Talvez o que dê ‘identidade’ à identidade seja essa capacidade de, mediante pontos de identificação, gerar as margens, ressuscitar os seres abjetos por meio dos discursos, para voltar a matá-los por meio de insultos e de outras evocações prescritivas preservando a minha identidade de contaminação. (Ibid.: 205)

O risco de “contaminação” monogâmica é permanente, em especial porque os poliamoristas já foram monogâmicos. Sentir ciúmes, competir por amores e buscar torná-los exclusivos representam os principais perigos para ultrapassar as “margens”. Há que se destacar, entretanto, que o processo de construção da identidade poliamorista não se formula em termos tão fixos. Por um lado, o Poliamor representa apenas um conjunto de ideais amorosos, podendo, inclusive, aqueles que se definem como poliamoristas jamais o terem vivido. Nesse sentido, há uma tensa conexão entre elementos contraditórios.

⁶ A ‘compersão’ é descrita como o oposto do ciúme: “Sentimento agradável provocado pelo prazer de saber que o parceiro [ama e é amado] por terceiros, alheios ou não ao relacionamento.” (Site Poliamor Brasil).

O sujeito identifica sua vida como monogâmica, mas aspira que não seja, o que gera culpa, frustração e até mesmo vergonha. Em alguns casos consegue adotar determinados elementos associados ao Poliamor, em especial, gradações variáveis de “autonomia” e “sinceridade”, possivelmente vivendo um ‘relacionamento aberto’. Eles reconhecem sua posição ambígua, já que, por um lado, não estão tão limitados quanto os “monogâmicos” e, por outro, não estão tão “realizados” quanto os “poliamoristas”.

É importante ressaltar que são diferentes os lugares ocupados pelos pesquisados entre o “Poliamor” e a “monogamia”.

Alfred Kinsey (1948) defendeu que os comportamentos sexuais têm variações consideráveis entre o grau máximo de “homossexualidade” e “heterossexualidade”, sendo irreal a divisão dos indivíduos em dois grupos sexuais estanques. Nessa linha, pode-se afirmar que ninguém é absolutamente “poliamorista” ou “monogâmico” e que estes termos correspondem apenas a princípios binários de organização da realidade, combinados de forma singular em cada trajetória de vida.

Butler (2010) argumenta que não há uma versão “original” do “heterossexual”, o que permite pensar que há apenas cópias parodiadas de uma noção do poliamorista “puro” e “autêntico”. Desta forma, devemos considerar o processo de construção das identidades poliamoristas como carregadas de ambiguidades e incoerências já que ao mesmo tempo em que reforçam a dicotomia monogamia/Poliamor, expõem seus limites em suas práticas.

Monogamia: aceitável ou condenável?

Entre os poliamoristas que afirmam sua superioridade, é defendido que o Poliamor se torne a nova estrutura legítima de relacionamentos. Sigmund, dono da comunidade do *Orkut*, é um dos que defendem esta posição. Ele afirma que ao anularmos a monogamia estaríamos livres de boa

parte dos problemas conjugais. Rodrigo⁷ não acredita que o Poliamor possa se tornar majoritário em uma estrutura social capitalista. No máximo, conquistará visibilidade e um número razoável de adeptos. Ele defende que será somente em uma sociedade “superior”, em um “regime comunista”, que o Poliamor poderá se tornar a base hegemônica dos relacionamentos afetivos⁸. Já Brenda⁹ argumenta que muitas pessoas não se sentiriam bem em uma relação ‘poli’: “Isso deve ser compreendido e não pensar que ela age assim porque está sendo imposta ou é insegura ou ciumenta. Na minha visão, a monogamia não é errada em nenhum sentido. Relacionamentos diferentes atendem a pessoas de necessidades diferentes.”

Bernardo¹⁰ também não vê problema na exclusividade “mutuamente consentida”. Gabriel¹¹ concorda: “Acho que, assim como o poliamor é uma opção, as relações monogâmicas também são. Não existe uma forma de relação melhor que a outra. Ambas são válidas. Isso é que é o bacana, temos um mundo cheio de opções!” Alana¹² diz que não se deve cair na “ditadura do poli”. Rogéria¹³: “Claro. Vamos derrubar a intolerância deles e impor a nossa, por que não?” Já Rodrigo defende que é necessário enfrentar radicalidade com radicalidade: “Vamos

derrubar a intolerância deles sendo intolerantes com a intolerância deles.” Rodrigo diz para Rogéria:

Você está sendo intolerante com a intolerância de quem é intolerante com a intolerância... Basicamente: a intolerância deles oprime grupos e pessoas. A nossa serve para enfrentar no mesmo nível essa opressão e libertar os oprimidos dela. Bater em quem bate em homossexuais não é a mesma coisa que bater em quem bate em quem bate em homossexuais.

Para ele não se deve considerar todas as opções igualmente válidas, sendo, portanto, fundamental combater a exclusividade amorosa e a homofobia. Seria necessário estabelecer uma hierarquia entre as visões, e o Poliamor seria a representação desse estado mais avançado de relacionamento afetivo. Já os poliamoristas contrários a qualquer forma de “intolerância”, partem de uma argumentação que se assemelha ao relativismo cultural propagado pela antropologia no século XX – onde não é possível afirmar que uma moral é melhor que outra, todas as práticas e significados humanos são tratados como iguais. As diferenças são abstraídas, ressaltando o aspecto que as unifica: são todos pontos de vistas, caminhos, possibilidades.

Este posicionamento é bem expresso por Gabriel a partir de uma música de Raul Seixas:

“É a chave que abre a porta
Lá do quarto dos segredos
Vem mostrar que nunca é tarde
Vem provar que é sempre cedo
E que prá todo pecado
sempre existe um perdão
Não tem certo nem errado
Todo mundo tem razão
E que o ponto de vista
É que é o ponto da questão»

O discurso centrado na “diferença” pode afirmar a “inferioridade” – o que ocorre na descrição de como os poliamoristas são recebidos por monogâmicos

7 Rodrigo foi um dos entrevistados. Ele declara ter 24 anos de idade, ser estudante universitário e morar com os pais na zona oeste do Rio de Janeiro.

8 Não é incomum a associação da monogamia ao capitalismo. Para os pesquisados, ambas pressupõe hierarquia e competição entre parceiros e por parceiros. O Poliamor e o comunismo, em contrapartida, seriam marcados por igualdade e cooperação. O amor monogâmico entendido como “sentimento de posse” também é considerado reflexo de uma lógica capitalista de “mercantilização” de objetos, pessoas e sentimentos. Seria a partir do Poliamor e da superação do capitalismo que todos poderiam ser efetivamente “livres”.

9 Brenda é autora do blog Poliamores.

10 Bernardo declara ser morador de Natal (RN), ter 22 anos, viver uma “amizade colorida” com uma mulher, ser “bissexual” e ter feito faculdade na UFRN.

11 Não há informações disponíveis no perfil do usuário.

12 Alana declara morar com filhos em cidade desconhecida. Define-se como “multiétnica”, com “um lado espiritual independente de religiões”, e com visão política “libertária”.

13 Não há informações disponíveis no perfil da usuária.

– ou a “superioridade”, como nos depoimentos apresentados. Há, em todo caso, uma disputa em torno dos significados de ambas as práticas, como mais válidas e louváveis do que as demais. Cardoso (2010) menciona uma tentativa de “hegemonização” da moral poliamorista para todas as relações de intimidade. Wilkinson (2010) fala em “polinormatividade”. Haritaworn et al. (2006) denominam de “fantasias narcisistas” a busca poliamorista de ajudar os “sexualmente marginalizados”.

Haritaworn et al. (2006) afirmam que as vertentes poliamoristas “esotéricas” e, principalmente, as “autoajudas”, possuem um discurso “normativo” despolitizado, um “individualismo abstrato” que, ao invés de criticar as estruturas de poder sobre etnia, gênero, sexualidade e classe, individualiza e psicologiza os processos sociais, enfatizando a capacidade individual de mudança¹⁴. Barker & Langdrige (2010) afirmam que há um discurso político no meio ‘poli’ que situa a monogamia em um regime patriarcal e capitalista, apresentando argumentos feministas, marxistas, anarquistas, pós-estruturalistas e *queer*, para fundamentar a escolha pelo Poliamor.

Entre os pesquisados, são encontradas críticas à “sociedade”, ao “machismo” e ao “capitalismo”, ao mesmo tempo em que se enfatiza o “autoconhecimento” e o “aprimoramento” pessoal. Estas duas tendências podem ser expressas pelo número de pesquisados que se definiram politicamente como: “socialista”, “libertário ao extremo”, “esquerda liberal” ou “anticapitalista” (55%), enquanto como “apolíticos”, 30%. Acredito, entretanto, que esta distinção (“políticos” x “apolíticos”) apresenta limites para a compreensão do discurso nativo. A crítica de

muitos pesquisados se concentra sobre a “política de representação”, sobre a necessidade e utilidade de se negar as diferenças em busca de unidade, sem, no entanto, se oporem à busca por transformação social. Pode-se, ao invés das dicotomias “político” e “apolítico” e “esotérico” e “autoajuda”, dividir os posicionamentos dos pesquisados em três:

1- “Autoajuda” ou “apolítica”- A preocupação se concentra em resolver problemas práticos dos relacionamentos. Discurso focalizado no “eu mesmo”, pequena valorização do termo “poliamorista”;

2- “Política de representação” ou “política de identidade”- Defende a necessidade de construir um grupo de identidade coeso e com proposições políticas, como a legalização da união poliamorosa. Esta vertente está mais relacionada a discursos socialistas e feministas. Discurso focalizado na “igualdade”¹⁵. Valorização do termo “poliamorista”;

3- “*Queer*” ou “anarquista”- Crítica à busca por representação social, defendendo uma política da “diferença”, sem identidades e sem pretensão de representação coletiva. Procura modificar as “estruturas sociais” a partir de ações individuais. Discurso focalizado nas “diferenças”. Crítica à categoria “poliamorista”.

A busca por uma identidade poliamorista, utilizando conceitos bem definidos e organizando uma plataforma de objetivos comuns ao grupo, se intensificou no ano de 2011. Em junho de 2011 foi criado o grupo “Juventude Pró-Poli”, em congresso da ANEL¹⁶, que reúne estudantes de diversos estados do país. Nesse mesmo mês, João¹⁷ expôs, no Orkut, a busca por lavrar a primeira escritura de união ‘poliafetiva’ do mundo, alegando já ter o suporte

14 This ignores how emotions and desires are socially constructed in specific historical sites and power relations (Ahmed, 2004) (...) Such research argues that these books[self-help] set up new regimes of normativity, endorsing individualism at the expense of critiquing structural power relations around race/ethnicity, gender, class and sexuality. Haritaworn et al. (2006, p.520).

15 Igualdade interna à categoria poliamorista, podendo, como abordado, ser afirmada a superioridade sobre a monogamia.

16 Assembleia Nacional dos Estudantes – Livre. O site da entidade é: <<http://www.anelonline.org/>>.

17 João é moderador da comunidade Poliamor Brasil no Orkut. Ele declara ser morador de São Paulo e ter 37 anos. Define-se como liberal, libertino, libertário, ateu, orgiasta, quase-escritor, poliamorista, feminista, entusiasta, empático, intenso, paulistólatra, romântico e heterossexual.

jurídico e estando apenas à procura de pessoas interessadas em formalizar suas uniões.

O grupo “Pratique Poliamor Brasil”, criado em 2011, tem o objetivo de organizar o movimento nacionalmente. O grupo tem a adesão das autoras do Blog Poliamores e do site Poliamor Brasil, do moderador da comunidade do Orkut, e do “Poli Rio”, que como divulgado no site, a partir de Julho de 2011, está “em nova fase, agora ligado diretamente à Rede Pratique Poliamor Brasil. Passando além de um espaço de socialização, a ser de Apoio, Autoconhecimento e Militância”.

Ideologia poliamorista

Os elementos que justificam a opção pelo Poliamor, assim como, que permitem diferenciar e hierarquizar as diversas modalidades de conjugalidade são os valores de “liberdade”, “igualdade”, “honestidade” e “amor”.

O Poliamor é considerado um vínculo mais “livre” do que a monogamia, o ‘relacionamento aberto’ e o swing, uma vez que o estabelecimento de um relacionamento não é impeditivo de outros. Enquanto a monogamia é caracterizada como uma “prisão” – já que há uma única relação legítima por vez – o swing e o ‘relacionamento aberto’ são considerados mais livres do que a monogamia, apesar de menos livres do que o Poliamor. As razões apontadas para a maior liberdade do Poliamor em relação à poligamia são: a possibilidade de todos (homens e mulheres) terem mais de um relacionamento; de vivenciarem o amor em grupo e de amarem pessoas do mesmo sexo e fora do casamento.

Afirma-se que o Poliamor é mais “igualitário” do que a monogamia e o swing, já que os últimos são considerados “machistas”, privilegiando os desejos masculinos e tratando as mulheres como objetos. Afirma-se também que a poligamia é constituída por uma assimetria de gênero, já que necessariamente há apenas um polígamo na relação. Por sua vez, o

Poliamor seria marcado pelo combate ao “machismo” e a possibilidade de que tanto homens quanto mulheres amem da forma que desejarem.

Acredita-se que no Poliamor se é mais honesto “consigo mesmo”, já que não é necessário se “moldar” ao(s) parceiro(s) como nas demais formas de conjugalidade, que têm mais regras, expectativas e ciúmes. Na monogamia haveria ainda menos “honestidade ao parceiro” em função da preferência pelo adultério em detrimento do questionamento da regra da exclusividade afetivo-sexual. Entre os praticantes de “swing” e ‘relacionamento aberto’, como o desejo de envolver-se afetivamente não é aceito, seria preciso optar por ser honesto ao próprio desejo ou aos do parceiro.

O Poliamor seria mais “amoroso” tendo em vista ser o único relacionamento que afirma ser possível e preferível que todos amem a mais de uma pessoa ao mesmo tempo.

“Conversão” poliamorista

A crítica à monogamia fundamentada sobre a “mentira” e a falta de “liberdade para amar” é, em geral, precedida por uma autocrítica - quando se considerava que os problemas enfrentados na relação eram de responsabilidade dos envolvidos - a falta de amor e de respeito, por exemplo. O primeiro passo na carreira poliamorista requer a passagem da responsabilização dos envolvidos para uma crítica à estrutura - à “monogamia” – que, de uma categoria pouco relevante ou inexistente, se torna uma realidade a ser superada.

Rodrigo teve um único namoro monogâmico até o período em que ingressou na faculdade. Naquele momento ele considerava ser a monogamia a “coisa certa”:

Terminei o namoro achando que a restrição que a moralidade impunha era positiva, porque estava mais perto do que Deus queria, que para justiça entre os sexos o homem tinha que reprimir sua sexualidade

para viver monogamicamente com a mulher, e também acreditava que só existia amor na monogamia.

A entrada na faculdade é descrita por ele como um momento de rupturas:

As bases que justificavam a monogamia, discursos biologizantes e religiosos caíram, teve todo um processo de desnaturalização, de relativização (...) Aí fui perceber que a moralidade só podia ser algo que atrapalhava ao invés de ajudar, não tinha justificativa, se eu poderia ter mais satisfação tendo mais experiências, fazendo mais sexo, tendo outras formas de afetividade, não teria por que me restringir, aí eu comecei a entender essas restrições como negativas e a defender relações abertas.

Roberta¹⁸ conta que o seu primeiro envolvimento emocional ocorreu com três pessoas ao mesmo tempo, mas que nesse momento ainda achava viver uma “confusão emocional”. Algum tempo depois, aos 14 anos, também se apaixonou por três pessoas:

Eu era apaixonada por meu namorado, por um menino da escola e uma menina. Uma psicóloga da escola chegou até mim e disse que era muito comum nessa idade ficar confuso, que o que eu sentia pela amiga era diferente do que eu sentia pelo meu namorado, ela nem sabia que eu gostava de uma terceira pessoa (...) Comecei a questionar aquela psicóloga, isso não é um obstáculo, se ela acha que é errado ou antinatural, eu não tô confusa, tenho clareza do que quero, eu gosto dessa menina, como eu gosto do meu namorado, como eu gosto daquele outro menino ali.

Desde então, Roberta passou a recusar relacionamentos monogâmicos.

Alice¹⁹ aos 15 anos iniciou um relacionamento, chegou a ficar noiva, mas rompeu cinco anos depois. Nesse período ingressou na faculdade e se apaixonou por Fernando, com quem casou e teve uma filha. Ao

18 Roberta foi uma das entrevistadas. Ela declara ter 26 anos, ser estudante universitária e morar com os pais em Niterói, município do estado do Rio de Janeiro.

19 Alice foi uma das entrevistadas. Ela declara ter 30 anos, ser professora e morar com a filha na região serrana do Rio de Janeiro.

longo dos 10 anos de casamento concluiu que não se adequava à monogamia:

Sempre tive uma vontade de viver o Poliamor sem saber o que era o Poliamor. Ao mesmo tempo em que eu introjetei muito fortemente a moral da monogamia, não conseguia ser monogâmica. Minha única solução era me casar, construir uma família, viver um relacionamento de margarina e eu me esforcei muito para isso, só que meio que fui derrotada por mim mesma. Porque não era natural, me sentia culpada, frustrada, tentava ser, sofria e fazia meu marido sofrer. Eu traía ele, eu me apaixonava por outras pessoas. Também era uma violência contra mim, não fazer o que o meu coração mandava.

Apesar das elaborações da crítica à monogamia apresentarem diferenças, há um processo básico comum - também presente nas descrições dos fóruns analisados - a percepção de inadequação pessoal a esse modelo de relacionamento, basicamente fundamentado sobre interesses por mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Essa percepção é acompanhada pela crença de que não se deve reprimir os desejos ou trair, sendo, portanto, evocados os valores de “liberdade” e “sinceridade” e considerando-os contrários à monogamia.

Monogamia: um “fantasma” permanente

A passagem da monogamia para o Poliamor não tem rituais precisos, não sendo abandonada a identidade monogâmica por completo. Há, portanto, uma espécie de “Eu” monogâmico residual a ser combatido permanentemente, em especial, associado aos ciúmes. O Poliamor representa nesse sentido mais um ideal do que uma identidade, ou ainda, uma identidade a ser alcançada, estando cada sujeito em um estágio desse processo evolutivo.

Os problemas dos relacionamentos poliamoristas são, em geral, apontados como causados pela manutenção de comportamentos e sentimentos “monogâmicos”. Alana relata que, apesar de viver uma relação poliamorosa, não se sente livre de ter

uma “rivalidade infantil” quando outras mulheres se aproximam de seu parceiro, e que, quando ocorre o contrário, é ele quem sente ciúmes “tentando desqualificar as pessoas”. Ela acreditava que o Poliamor seria a solução para todos os problemas no amor. Entretanto, o que vê são poucos casos de sucesso. Para Alana, muitos se definem poliamoristas para se sentirem “moderninhos” mas que só têm relações “flutuantes” e “sem amor”. Em sua opinião, essas pessoas deveriam ser chamadas de “polificantes” ao invés de poliamoristas.

Este relato expressa uma preocupação recorrente nas redes virtuais de separar os poliamoristas “verdadeiros” dos “falsos”. Como “falsos” poliamoristas estão os homens que procuraram sexo “fácil” e que querem ser ‘poli’ “apenas com a mulher dos outros”. Entre as mulheres, seriam aquelas que se submetem aos desejos do parceiro.

Competições, hierarquias e ciúmes são características consideradas próprias da monogamia e responsáveis pelas principais mazelas nos relacionamentos. Alguns pesquisados afirmam a permanência destes elementos no Poliamor, mas apenas como “resquícios” de comportamentos monogâmicos que estariam lentamente abandonando:

Ciúme não nasceu do nada, é um sentimento desenvolvido em função da estruturação da monogamia; assim como a compersão é um sentimento desenvolvido colateralmente pelo poliamor (só que não é majoritário porque ainda vivemos numa sociedade monogâmica, logo, como o novo sempre vem do velho, estamos contaminados pelas suas características). Rodrigo no grupo do *Facebook*.

O exercício da “não comparação” entre relacionamentos é apontado como condição para o sucesso poliamoroso. No caso do “relacionamento em grupo” de Paulo²⁰, ele afirma que há diferenças entre as relações e os sentimentos, mas que eles

20 Paulo declara ser militar, ter curso superior incompleto, morar em Porto Alegre (RS), não ter filhos, ser “apolítico” e de etnia “hispanico/latino”.

aprenderam a não “comparar afinidades”.

Os problemas enfrentados nos relacionamentos variam muito em função do tipo de vínculo que os parceiros estabelecem com o Poliamor. A descrição nos fóruns sobre relacionamentos com poliamoristas “adormecidos” ou “simpatizantes” é ambígua. Se, por um lado, há a possibilidade de enfrentar as tendências monogâmicas juntos, por outro, o neófito representa o que o poliamorista quer afastar em si: o ciúme, a competição, a insegurança e a possessividade.

É recorrente o relato de que muitos aceitam se relacionar com poliamoristas sem exclusividade na expectativa de que, em algum momento, consigam “fiscar seus corações”. Ao ver que não conseguem, ocorrem brigas e o término da relação. Rodrigo diz ser esse o critério que diferencia uma relação com pessoas monogâmicas que prospera das que não. No período inicial, a falta de exclusividade não costuma ser um problema, já que se está apenas conhecendo o outro. No decorrer da relação, entretanto, esse entendimento “cai por terra” – ao se estabelecer um vínculo “sério” - muitas mulheres passam a exigir exclusividade, enquanto outras desistem da relação. Rodrigo declara que as que passam por esse processo de “teste” – aceitando a liberdade de amar – são aquelas com as quais os relacionamentos prosperam, mesmo que elas não tenham outros amores.

Rodrigo acredita ser importante incentivar suas namoradas a terem outros relacionamentos:

De início sempre tinha um estranhamento, tipo: ‘que parada é essa?’, ‘impossível’, ‘não dá’. Aí eu argumentava com elas, e elas ficavam sem argumentos, íamos ficando elas gostavam e ignoravam o fato de eu ter vários relacionamentos, mas quando elas começavam a se envolver mais profundamente elas me diziam que estavam se sentindo mal e queriam terminar (...) Com o tempo fui percebendo que era necessário minimamente convencê-las disso, incentivá-las a terem outros relacionamentos. Era importante eu estimulá-las, porque se dependesse delas provavelmente não iam fazer. Eu perguntava: ‘Não tem nenhum cara que você se interesse?’ Quando ela saía eu perguntava se tinha algum cara interessante, se ela tinha ficado com alguém.... Ou então quando conhecíamos alguém eu falava ‘pô você podia pegar tal cara.’ Algumas estranhavam, outras

não. As com relacionamentos pequenos não chegavam a esse nível, os relacionamentos mais longos foram as que conseguiram entender melhor essa proposta.

Uma das marcas dos poliamoristas pesquisados é um discurso de aceitação e valorização das diferenças. Entretanto, nesta discussão, é apresentada uma “diferença” de difícil administração: a entre um parceiro poliamorista e outro monogâmico. Alguns pesquisados defendem que esta não pode ser impeditiva. Outros consideram uma situação intolerável. Entre a “aceitação” e a “negação” se dá um conflito e a tentativa de convencimento, seja de “monogâmicos” de que é preferível a exclusividade ou de poliamoristas de que ela é maléfica. Não foi encontrado nenhum relato de relacionamento “mono/poli” em que as diferenças tenham sido aceitas sem tentativa de “conversão”. Por outro lado, cabe destacar que não vincular-se amorosamente a monogâmicos implica limitação, já que são poucos os poliamoristas. Estas considerações explicitam um paradoxo na posição poliamorista: ao mesmo tempo em que se opõe aos monogâmicos, deles dependem para praticar seu ideal.

A fragilidade do posicionamento poliamorista conduz à reflexão entre os pesquisados sobre um retorno definitivo ou temporário à monogamia.

Dos entrevistados, Roberta é a única que após viver relacionamentos ‘não monogâmicos’, volta a viver um. Aos 20 anos se apaixonou por um homem que não compactuava com ideais poliamoristas e resolveu se “aventurar” em um namoro convencional:

Era uma pessoa sabidamente monogâmica, compreendia que o amor era algo que se vivia entre duas pessoas, era uma pessoa bem inflexível nesse aspecto, enquanto estivéssemos só ficando ele não se importava de ambos ficarmos com outras pessoas, já que não envolvia amor, até que ele começou a se envolver mais profundamente e resolveu fechar para uma monogamia. Resolvi, como não estava ficando com mais ninguém, fazer uma experiência monogâmica com ele.

O namoro foi descrito como ruim. Roberta se sentia

cobrada a ter que passar mais tempo juntos e presa a um relacionamento “machista” que a colocava como “apêndice” de seu namorado – vivendo a sua vida social, fazendo seus programas de entretenimento e sem tempo para realizar suas próprias atividades. Ao ser perguntada se considerava “machista” o seu namorado e não a relação, ela afirma:

Eu era intensamente cobrada, se você aceitou namorar comigo, devia saber que estava aceitando isso, isso, passar muito tempo comigo, explicar com quem estive, chegar em casa na hora marcada, sair com meus amigos e comigo sempre que solicitada etc. Como eu queria fazer a experiência da monogamia para ver se servia para mim, eu acabei aceitando as condições, mas como na maioria dos casos na monogamia ocidental, essas condições são só para a mulher, ele estava ficando com outra menina e cobrando de mim que eu fosse monogâmica.

A experiência monogâmica de Roberta serviu para fortalecer sua relação com o Poliamor, ou com a Poligamia, já que nesse período ainda não conhecia o termo. É importante reafirmar que para “converter-se” poliamorista, torna-se necessário criticar a estrutura monogâmica em vez de responsabilizar os envolvidos.

No grupo do Facebook, a possibilidade de desistência do Poliamor é tema de debates. Em geral, as experiências monogâmicas são atribuídas a um momento de fraqueza, afirmando a descrença na possibilidade de se satisfazerem permanentemente com uma única pessoa. Mariana²¹ diz: “Ai gente, eu sou fraca apaixonada e já cedi muitas vezes. E eu sei que no momento que fecho um relacionamento estou sendo infeliz. A partir dali começo uma contagem regressiva só esperando não aguentar mais.” João declara:

Após me apaixonar acabo aceitando relação fechada sabendo que vamos brigar pra caralho, que sou do tipo que acaba dando motivos pra ela sentir ciúmes, que vou sentir falta das ‘festinhas’ e me sentir infeliz, que vou acabar ficando com outra menina também... Uma desgraça.

21 Mariana declara ser moradora de Maringá (PR) e ter feito curso universitário na CESUMAR.

Outro poliamorista conta: “Já pensei em desistir. Mas eu iria pra onde, iria fazer o quê? Minha mente não vai mais voltar ao que era. Uma vez que se vê a luz não dá mais pra viver vendo apenas sombras. Rs”. Apesar das dificuldades apontadas, há um discurso, como bem demonstra a frase acima, que afirma ser o Poliamor o “caminho”, a “luz”, enquanto que a monogamia seria a “sombra”. Nada mais esperado do que a “salvação” represente o percurso mais difícil, que requer reflexão, desestruturação da personalidade e enfrentamento da sociedade. Os entraves ao Poliamor, antes de serem motivo para desistência, servem de estímulo para o processo de evolução pessoal, libertação e autoconhecimento.

Considerações finais

Para os poliamoristas, a monogamia é uma categoria fundamental para afirmação daquilo que são e acreditam. Alguns sinais apontam neste sentido. Dentre eles, o fato do termo Poliamor ter surgido como alternativa ao de ‘não monogamia’ e um dos passos para a “conversão” poliamorista ser a afirmação de inadequação pessoal à monogamia.

Os pesquisados efetuam uma série de oposições que tem como base a distinção Poliamor/monogamia: liberdade x prisão; “eu mesmo” x eu imposto; honestidade x mentira; igualdade x machismo; ‘compersão’ x ciúme; adulto x infantil; luz x sombra, dentre outras.

Apesar de o Poliamor existir como negação da monogamia, três elementos favorecem a diminuição

desta dicotomia. O primeiro é a existência de outros modelos de relacionamento ‘não monogâmicos’, o que produz a necessidade de novas formas de diferenciação. Uma estratégia assumida pelos pesquisados é de identificar o ‘relacionamento aberto’ e o swing como próprios à monogamia uma vez que em ambos predomina a ideia de que o amor deve ter um único destinatário. A diferenciação à poligamia, por sua vez, é feita a partir de sua associação a sociedades sem igualdade de gênero, como as mulçumanas, o que a torna uma alternativa moralmente inválida.

Uma segunda motivação para a ineficácia da dualidade Poliamor/monogamia é a prática conjugal dos pesquisados que não abandonam por completo características associadas à monogamia: como o ciúme e o sentimento de posse e que dificilmente conseguem superar outros dos seus principais desafios: encontrar parceiros adeptos e assumir publicamente a opção.

A terceira razão é a existência de um forte discurso dentro do meio ‘poli’ que é contrário a hierarquias, afirmando a igualdade entre todos os posicionamentos. Como as oposições elaboradas entre o Poliamor/monogamia partem de uma distinção superioridade/inferioridade, o discurso centrado na igualdade de alguns pesquisados é outro fator a relativizar a oposição Poliamor x monogamia.

Podemos reafirmar, por fim, que apesar dos limites encontrados para esta dicotomia, os pesquisados constroem a identidade poliamorista a partir da negação da monogamia.

Referências

ANAPOL, Deborah. (1997). *Polyamory: The New Love without Limits*. San Rafael, CA: IntiNet Resource Center.

ALTMAN, Irwin & GINAT, Joseph. (1996). *Polygamous families in contemporary society*. New York: Syndicate of the University of Cambridge.

BARKER, Meg & LANGDRIDGE, Darren. (2010). “Whatever happened to non-monogamies? Critical reflections on recent research and theory”. *Sexualities* 13(6):748–772, December.

- BENTO, Berenice. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.
- BUTLER, Judith. (2010). *Problemas de gênero: feminismo e subversão de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CARDOSO, Daniel. (2010). *Amando vári@s – Individualização, redes, ética e poliamor*. Tese (mestrado em ciências da comunicação), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- GOLDENBERG, Mirian (2010). *Porque homens e mulheres traem?* Rio de Janeiro: Best bolso.
- HARITAWORN, Jin. LIN, Chin-ju. & KLESSE, Christian. (2006). “Poly/logue: A Critical Introduction to Polyamory”. *Sexualities*, 9(5), 515-529, December.
- KINSEY, Alfred, POMEROY, Wardell. & MARTIN, Clyde. (1948). *Sexual Behavior in the Human Male*. Philadelphia, PA: W.B. Saunders.
- KLESSE, Christian. (2006) “Polyamory and its ‘others’: contesting the terms of non-monogamy”. *Sexualities*, v.9, n.5, p. 565-583, December.
- MAUSS Marcel. (2004). “Uma categoria do espírito humano. A noção de pessoa. A noção do eu”. In: Mauss, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- RUST, Paula Rodríguez. (1996). “Monogamy and Polyamory: Relationship Issues for Bisexuals”, in B. A. Firestein (ed.) *Bisexuality*, p. 53-83. London: Sage.
- WILKINSON, Eleanor. (2010). “What’s Queer about Non-monogamy Now?” p. 243-254 in: *Understanding Non-Monogamies*. Edited by Meg Barker and Darran Langdrige. London, UK: Routledge.
- VON DER WEID, Olívia. (2008). *Adultério consentido: Gênero, corpo e sexualidade na prática do swing*. Dissertação. PPGSA, UFRJ.